

**“LITTERARIOS E RECREATIVOS: AS PRIMEIRAS REPORTAGENS SOBRE CULTURA NOS JORNAIS DE DESTERRO - 1850 – 1890”**

Ana Carolina Dionísio

Em 1831, Jerônimo Coelho, um militar de carreira, fundou o primeiro jornal de Desterro: *O Catarinense*. Ligado ao então vice-presidente da Província de Santa Catarina, Francisco Luiz do Livramento, o periódico divulgava ideais liberais e anti-lusitanos, e auto-proclamava-se “sentinela da liberdade” e “mensageiro da civilização”. Até o fim da década de 1840, os jornais desterrenses tinham como principais características: “a vinculação direta ou indireta ao poder público; vida curta; servindo como instrumentos de política partidária”<sup>1</sup>.

Com um crescente comércio e urbanização, a cidade de Desterro assistia, durante a segunda metade do século XIX, ao aparecimento de uma nova elite de comerciantes e armadores ligados ao transporte de mercadorias: os liberais, também chamados “judeus” e que reivindicavam projetos mais “modernizadores” para a cidade. Travavam disputas políticas, que fomentavam a criação de jornais, com os conservadores ou “cristãos”, mais presos às tradições e costumes locais. As diferenças entre liberais e conservadores diziam respeito mais a disputas entre famílias da elite da Província do que a divergências de projetos políticos<sup>2</sup>.

Através da publicação de periódicos, esses grupos encontravam uma forma de expressão de suas idéias. A partir da década de 1850, os jornais deixam de abranger somente leis, decretos, mensagens e atas, para dedicar-se a outros debates, como por exemplo, a localização do mercado público ou o transporte de farinha de mandioca. O público leitor deixou de ser constituído principalmente por funcionários públicos para abranger também grupos ligados ao comércio.

Além disso, começou-se a dedicar espaço à publicação de material literário, principalmente folhetins e poemas. Um exemplo é o jornal *Novo Íris*<sup>3</sup>, que entrou em circulação em 1850, divulgando neste mesmo ano o romance *Tardes de um pintor ou as*

*intrigas de um jesuíta*, que, no entanto, não foi publicado com o nome completo. A omissão do segundo título da obra ocorreu

“possivelmente por interferência do padre Paiva, redator principal do jornal. Só não entendemos é o porquê do padre Paiva divulgar justamente esse romance de tendência anti-clerical, onde o vilão maior é um padre jesuíta, perverso e pouco chegado às leis canônicas.”<sup>4</sup>

Dulcília Buitoni afirma que foi a partir da literatura que a imprensa passou a dedicar-se à crítica cultural. Se for considerado o consumo de produções artísticas por platéias antecessoras ao público de massa, a autora encontra, então, na crítica musical iniciada no século XVIII a matriz dos textos dedicados à cultura em periódicos.

No caso das informações encontradas a partir do acervo da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina, constatou-se que, no caso de Desterro, foi a literatura, através da publicação de folhetins, que abriu caminho para a crítica cultural nos jornais. Além disso, o folhetim foi “o grande responsável por atrair e incentivar o público a consumir um relato seqüenciado”<sup>5</sup>. A importância dos jornais como veículo cultural também é destacada por Joana Maria Pedro: “(...) em cidades do porte de Desterro, este [o jornal] é um veículo cultural de suma importância. É o que a população alfabetizada, que em Desterro era bastante reduzida, lia”<sup>6</sup>

A partir da metade do século XIX proliferaram, então, jornais chamados “litterarios e recreativos”. As obras publicadas inicialmente consistiam principalmente em traduções de autores estrangeiros, como Alexandre Dumas, e depois de associações de autores catarinenses, passando da tradução/adaptação/imitação para criações próprias originais<sup>7</sup>.

Com formatos pequenos (girando em torno de 37cm x 28cm), quatro páginas e circulação semanal ou quinzenal, a maioria destes periódicos durava menos de um ano. Joana Maria Pedro afirma que a principal causa desta efemeridade era a desvinculação de alguns destes órgãos a partidos políticos e/ou subvenções do poder público, que poderia mantê-los financeiramente. É o caso de *O futuro* (1852), *A quinzena* (1861), *Pacajá* (1862), *O typógrapho* (1872), *O til* (1874), *O operário* (1881), *Júpiter* (1885), *Manhã* (1886), *Polyanthea* (1889).

*Polyanthea* foi, aliás, o periódico que mais se destacou como veículo destinado exclusivamente à crítica cultural durante a pesquisa, indo além da publicação de folhetins e poemas. O primeiro exemplar disponível na BPESC data de 17/03/1889. Vinculado ao grupo liberal responsável também pelo *Jornal do Comércio*<sup>8</sup>, *Polyanthea* era caracterizado como “Letras e artes – gazeta hebdomadária” e trazia - além dos famosos folhetins, sonetos e poemas – comentários de obras literárias, e artigos sobre a própria prática da crítica cultural, ou

“o modo com que se portam nossos periódicos e revistas litterarias em relação ás apreciações dos livros offertados ás respectivas redacções. (...) Não se pode de modo algum admittir na crítica litteraria as apreciações influenciadas por sentimentos individuaes, visto não poder haver dualidade, e do contrario a critica deixaria de ser uma sciencia e não lhe seria mister o auxilio da psychologia, da esthetica e da sociologia”.<sup>9</sup>

Na prática, entretanto, os redatores de *Polyanthea*, Nuno Gama e Alfredo Toledo, não eram tão imunes a “sentimentos individuaes” ao falar sobre algumas obras:

“Não é preciso ser poeta para lêr e entender um poeta, quando elleatinge aquillo, a que, em linguagem do princípio do século, se chamava as alturas do Pindo. (...) É o caso de Araújo Figueiredo, que acaba de entrar pela litteratura brasileira dentro, com um volume de versos debaixo do braço, para ocupar um lugar distincto na fileira onde brilham talentos litterariamente aristocráticos. (...) A Araújo Figueiredo, um *shake-hands*”<sup>10</sup>

Outro caso de imparcialidade um tanto duvidosa é o registro da viagem das irmãs Ibrantina, “parnaseana na ampla acepção da palavra” cujas “poesias saem levemente melancólicas”<sup>11</sup> e Ubaldina de Oliveira, colaboradoras do jornal, a Minas Gerais: “A *Polyanthea* acena-lhes com o lenço um adeus branco e tremulante, jogado d’aqui bem de longe”<sup>12</sup>

Nas páginas da “gazeta hebdomadária” também encontrava-se uma seção que corresponderia às atuais editorias de *Comportamento*, e era assinada por Lydio Barbosa. Na edição de 25/03/1889, o colunista comentava a moda feminina e masculina, discutindo as vantagens e desvantagens de cada uma, e alegando uma certa incoerência entre as duas: enquanto as mulheres vestiam-se à francesa, o traje masculino seguia os padrões ingleses.

“Não affirmamos que as velhas, porque não parece de bom gosto occuparmo-nos com a gente da rabugice e do tabaco, mas juramos, á qualquer fé de par de olhos bonitos, que as moças, mesmo depois de penteadas com esmero, de caídas, visivelmente, de

pó de arroz, de apertadas, o mais possível, no espartilho de barbatanas dobradas, de calçadas nos sapatos á Luiz quinze, não têm coragem de enfiar o vestido sem armarem-se da anquinha, que tem o grande merito de torna-las mais repolhudas e por isso mesmo mais tentadoras”<sup>13</sup>.

Cartas de Alfredo Toledo a Fernando Caldeira, poemas de Horácio Nunes a Nuno Gama - os elogios a colegas de redação eram constantes:

“O vasto clarão do sol do dia 7 de abril illumina mais um anno de preciosa existência do nosso estimável collega de redacção, Alfredo Toledo (...) além de um talento robustecido, um espírito forte e expansivo (...) assim na redacção da *Polyanthea* será mais um gigante”<sup>14</sup>.

*Polyanthea* também tratava, na seção *FACTOS*, de eventos que aconteciam na cidade, principalmente saraus, apresentações de música e festas religiosas:

“Effectou-se domingo em o vasto e esplendido salão do theatro Santa Izabel, um grande e magnífico sarão, dado pela entusiasta sociedade carnavalesca DIABO A QUATRO. (...) A SOIRÉE, que esteve sempre animada, prolongou-se até ás 3 horas e meia da manhã, terminando pouco antes de apparecer no róseo horizonte matutino a aurora, arabesco que AB ETERNO exorna os céos, e é sempre novo, sempre admirável, sempre sublime”<sup>15</sup>.

A década de 1860 foi marcada por um remanejamento nas facções políticas de Santa Catarina, descaracterizando os antigos grupos e formando novas divisões. Foi possivelmente este remanejamento que promoveu a fertilidade da imprensa (Pedro, op. cit.). Entre os cerca de 10 novos periódicos criados a partir de 1860, estava *A Quinzena*. Como o nome diz, circulava a cada quinze dias, sempre aos domingos. Germano Avelin, ligado ao grupo dos liberais ou “judeus” - a quem vinculava-se também outros proprietários, editores e redatores de jornais, como Francisco Ávila e Francisco Raposo d’Almeida -, era o proprietário do periódico, que trazia nas suas quatro páginas crônicas, poesias, folhetins em capítulos e editoriais.

Nesta “bolha” de títulos de periódicos, surgiu também *O Pacajá*. O primeiro número foi publicado em 10/06/1862 por Juvita Duarte Silva, que também era o redator responsável, ligado a Germano Avelin. Circulava uma vez por semana, durante 6 meses. Trazia nas suas quatro páginas crônicas sobre temas como a pobreza e a calúnia, poesias, traduções de

textos de outras publicações, folhetins em capítulos, charadas e “enygmas pitorescos”. A partir do nº 15, de 18/08/1862, passou a publicar anúncios.

Mas relatos de apresentações artísticas continuaram a ser publicados, e, mesmo depois do fim de jornais como *A Quinzena* ou *O Pacajá*, estavam presentes nas páginas de outros, como *O Operário*:

“A companhia dirigida pelo insigne actor Simões, levou á scena, no domingo passado, o drama intitulado a *Cruz da Morta*, sendo bem desempenhado. Repleto estava o theatro e estrepitosos eram os applausos, que a cada instante a nossa platéa dava aos companheiros do Srs. Simões, única recompensa do genio e do valor artistico.”<sup>16</sup>

Fundado em julho de 1881 (o exemplar mais antigo na BPESC data de 04/08/1881), *O Operário* era considerado “propriedade dos compositores do *Jornal do Commercio*”. O *Jornal do Commercio*, fundado em 1880, continuou a circular até depois de 1894, sendo um dos periódicos com maior tempo de circulação pesquisados. Tinha entre seus colaboradores Horácio Nunes (responsável pela maior parte das traduções de folhetins publicados) e os poetas Cruz e Souza e Delminda da Silveira, que posteriormente escreveriam também no *Polyanthea*.

Voltando ao *Operário*: a maior parte dos textos publicados não eram assinados, e alguns editoriais pareciam depor contra a classe que supostamente era proprietária do meio:

“Não nos foi doada a intelligencia, esse dom soberano, sacrário da liberdade (...). Nós, operários, embora com poucos recursos intellectuaes (...) depomos um momento as armas do trabalho material (...) e consagramos alguma parte do dia, a esse afan poderoso que decide todos os detinos humanos – o afan das lettras, o trabalho entusiasta da litteratura”<sup>17</sup>.

A maior parte dos jornais pesquisado trazia poemas, contos e sonetos escritos pelos próprios redatores e jornalistas. É interessante observar a temática destas composições, que geralmente girava em torno do amor. Um amor à primeira vista, em dias de primavera ou noite de verão, em que as mulheres eram retratadas como “deusa”, “anjo de poesia”, “Vênus”, ou

“(…) bella, bella a mais não poder ser!  
Bem clara era a sua derme, e sempre morna e aveludada cutis de suas faces conservava-se levemente purpúrea.  
De estatura esbelta e andar aristocrático, era de ver-se a virgem a mais formosa entre todas”<sup>18</sup>.

Folhetins, ensaios, artigos, poemas, sonetos, comentários de eventos, crônicas sobre moda e comportamento: esses eram os principais temas tratados pelos primeiros jornais de Desterro que dedicavam-se à cultura. Com redações pequenas (geralmente um ou dois redatores responsáveis pela maior parte dos textos), assim como era pequeno seu formato, estes periódicos tinham como característica comum a vinculação a recursos do poder público e o seu uso como alavanca política<sup>19</sup>.

## Notas

---

<sup>1</sup> PEDRO, Joana Maria. *Nas Tramas entre o Público e o Privado: a imprensa de Desterro no século XIX*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1995, p.15.

<sup>2</sup> Pedro, op. cit, p. 25.

<sup>3</sup> Mesmo sendo dependente do publicação de atos oficiais e das reuniões da Assembléia Provincial, *O Novo Íris* é representante do início da prática de divulgação de folhetins pela imprensa.

<sup>4</sup> SOARES, Iaponam. *Literatura na Imprensa Desterrense*, in *História Sócio-Cultural de Florianópolis*. Florianópolis: Clube Doze de Agosto: IHGSC: Lunardelli, 1991, p. 145.

<sup>5</sup> BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. *Entre o consumo rápido e a permanência: jornalismo de arte e cultura*, in MARTINS, Maria Helena (org). *Outras Leituras*, São Paulo: Editora Senac, 2000, p. 59.

<sup>6</sup> Pedro, op. cit, p. 70

<sup>7</sup> Soares, op. cit.

<sup>8</sup> O Jornal do Comércio marca o início da autonomia da imprensa em relação aos partidos políticos locais, sem depender da publicação de atos oficiais. (Pedro, op. cit, p. 73).

<sup>9</sup> *Crítica Litteraria*, in *Polyanthea*, 05/05/1889, nº 9, p. 1

<sup>10</sup> GAMA, Nuno. *Bibliographia*, in *Polyanthea* – 17/03/1889 – nº 3, p. 1

<sup>11</sup> *Partida*, in *Polyanthea* – 07/04/1889 – nº 5, p. 4

<sup>12</sup> idem.

<sup>13</sup> BARBOSA, Lydio. *Pequenas cousas*, in *Polyanthea* – 25/03/1889 – nº 4, p. 2

<sup>14</sup> CALDEIRA, Fernando. *A Alfredo de Toledo*, in *Polyanthea* – 07/04/1889 – nº 5, p. 4

<sup>15</sup> *Palcos e Saloes*, in *Polyanthea* – 17/03/1889 – nº 3, p. 4

<sup>16</sup> *Theatro*, in *O Operário*, 07/09/1881, nº 6, p. 4.

<sup>17</sup> *O Operário*, 20/08/1881, nº 4, p. 1

<sup>18</sup> TOLEDO, Alfredo. *Arcelina*, in in *Polyanthea* – 18/04/1889– nº 8, p. 2

<sup>19</sup> Pedro, op. cit., p. 9

***Jornais Pesquisados – em ordem cronológica:***

*O Novo Íris* (1850)

*O Santelmo* (1858)

*A Quinzena* (1861)

*O Pacajá* (1862)

*O Beija-Flor* (1867)

*O Cacique* (1870)

*O Typographo* (1872)

*O Til* (1874)

*O Operário* (1881)

*Júpiter* (1885)

*Manhã* (1886)

*Polyanthea* (1889)